



PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA

# ESTE NIEMEYER DESCONHECIDO

SÓ EM BRÁSILIA SÃO MAIS DE 60 OBRAS  
CONSTRUÍDAS. ALGUMAS, DISCRETAS, COMO  
OS PONTOS DE ÔNIBUS. OUTRAS, POLÊMICAS,  
COMO O ANEXO DO STF E A SEDE DA  
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA

Conceição Freitas (texto)  
José Varella (fotos)  
Da equipe do **Correio**

**S**e há um motivo capaz de trazer o arquiteto Oscar Niemeyer a Brasília, é a possibilidade de ver construídas as obras que faltam para completar a Esplanada dos Ministérios. Por conta delas, ele se dispõe a percorrer 1,2 mil km de carro a despeito de seus 94 anos. Como o fez em março passado, quando veio participar da solenidade de assinatura da ordem de serviço para a construção do Centro Cultural da República. É desse modo, alimentado de concreto na veia, que Niemeyer continua a trabalhar de segunda-feira a sábado, e às vezes aos domingos, no seu escritório da Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro.

O arquiteto dos monumentos de Brasília parece insaciável — já se contam mais de 60 obras suas na cidade. Mais recentemente, a sede Procuradoria Geral da República, a sede da Ordem dos Advogados do Brasil e o anexo do Supremo Tribunal Federal. Além do Tribunal Superior do Trabalho, em construção. Tanta sede produziu um fato inédito na história da arquitetura. “Não há arquiteto com a importância de Niemeyer que tenha tantas obras construídas. É um volume brutal. Le Corbusier (arquiteto franco-suíço) tem obra vastíssima, porém 90% dela não foi construída”, diz Sylvia Ficher, professora de Arquitetura do Brasil Contemporânea da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB).

Depois de construir os primeiros e mais importantes monumentos da nova capital, Niemeyer continuou a desenhar projetos



ANEXO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

para a cidade, mesmo durante a ditadura militar. O Quartel General do Exército, de 1968, é o mais imponente desses exemplos. Com a nomeação de José Aparecido de Oliveira para o governo do Distrito Federal, em 1985, o arquiteto modernista intensificou sua presença em Brasília. Até 1989, foram dez obras construídas e outras tantas, como um teatro grego para cinco mil pessoas em Ceilândia, só projetadas. Foi um período de pequenas obras: ciclovia no Lago Paranoá, pontos de ônibus na W-3 Sul, Mercado das Flores na 716/916 Sul.

Mais recentemente, Oscar Niemeyer retomou as obras monumentais em Brasília, o Superior Tribunal de Justiça, uma delas. A sede da Procuradoria Geral da República e o anexo do Supremo Tribunal Federal, foram recebidos com razoáveis ressalvas. Um Niemeyer até então desconhecido, revestido de vidro espelhado, muito distante da leveza dos riscos do Palácio da Alvorada, uma de suas obras mais festejadas. “Fiquei surpreso ao descobrir o Niemeyer pós-moderno, imitando a porcaria da arquitetura das cidades financeiras norte-americanas”, disse o filósofo espanhol Eduardo Subirats, crítico impiedoso da pós-modernidade, em visita a Brasília duas semanas atrás.

A Subirats se junta a professora Sylvia Ficher, uma das responsáveis pelos textos do *Guiaarquitetura Brasília*, o mais completo registro da arquitetura da cidade. “É um recurso mirabolante que não se justifica. Parece um gasômetro...parecem carretéis. Não traz nada de positivo para a arquitetura”, critica Sylvia, que reconhece a importância de Oscar Niemeyer seja pelas obras geniais como o Palácio da Alvorada e a Catedral, seja pelo seu lugar na história da arquitetura brasileira.

Ao saber das críticas de Subirats a Niemeyer, o arquiteto Carlos Magalhães, um dos mais

valentes defensores da arquitetura de Brasília, reage com dureza: “Os prédios (da sede da Procuradoria Geral da República) têm uma estrutura que esse espanhol nunca viu na vida. Um daqueles cilindros é pendurado lá em cima. É uma demonstração grande do talento de Oscar. Às vezes, você pensa que na cabeça dele não existe nova forma, aí ele descobre uma nova forma. Talvez o espanhol tenha ficado surpreso com a beleza do projeto e ainda não se deu conta disso”.

Igualmente apaixonado pela obra de Oscar Niemeyer, o gerente do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no DF, Cláudio Queiroz, também faz compenetrados elogios aos dois cilindros espelhados. “Ele (Subirats) viu os prédios com certo olhar de quem está habituado a considerar que prédios de vidro são sempre resultados da concepção de primeiro mundo. Ele não percebeu a criatividade da obra, forte como deve ser um prédio público e com uma característica de uma geometria absolutamente definida. Não há nada de moderno ou pós-moderno. É o inesperado como anúncio de uma arquitetura que ainda tem o prazer da poesia.”

Ao largo das críticas às suas obras mais recentes, Oscar Niemeyer vem sendo ininterruptamente homenageado em livros, documentários e, em fevereiro último, mereceu uma exposição de sua vida e obra na galeria Jeu de Paume, tradicional museu francês de arte. Dois meses depois, foi capa da revista norte-americana *Newsweek*, que enalteceu a capacidade de Niemeyer de desafiar a gravidade usando concreto, pedra e vidro.